

A SINGULARIDADE DE *EU*: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA MODERNIDADE EM AUGUSTO DOS ANJOS

Anne Greice Soares Ribeiro Macedo¹

RESUMO: *O presente trabalho tem o propósito de demonstrar, a partir da análise da trajetória do único livro publicado por Augusto dos Anjos, Eu, as diversas influências que se entrecruzam na obra do poeta, estabelecendo algumas referências filosóficas, científicas e, principalmente, a influência de Charles Baudelaire entre os poetas brasileiros das três últimas décadas do século XIX, bem como o seu influxo na lírica de Augusto dos Anjos, evidenciando-lhe os traços de ruptura com a visão aurática da arte, característica da modernidade.*

Palavras-chave: Augusto dos Anjos; Modernidade.

INTRODUÇÃO

A proposição deste trabalho, parte inicial da pesquisa para dissertação, cujo título é *As interseções entre arte, doença e morte na poesia de Augusto dos Anjos*, resulta de algumas reflexões acerca do caráter inovador da obra do poeta paraibano nascido no engenho Pau d'Arco, interior do Estado, em 1884, e morto em Leopoldina, Minas Gerais, em 1914. Serão focalizadas, a partir de análises descritivas do *corpus*, o livro *Eu e Outras Poesias* e, através de pesquisas bibliográficas, as manifestações poéticas das três últimas décadas do século XIX e suas conexões com Charles Baudelaire, cuja influência será demonstrada também na poesia de Augusto dos Anjos.

No início do século XX, quando foi publicado *Eu*, único livro do poeta, a cena literária brasileira refletia os anseios de uma intelectualidade que buscava afirmar-se como elite cultural. Os modelos clássicos, tão em voga no ambiente parnasiano, prestavam-se a essa finalidade, sendo, portanto, adequados aos interesses políticos e ideológicos das classes dominantes.

A poesia de Augusto dos Anjos foi, durante muito tempo, praticamente ignorada. Somente em 1920, por iniciativa de Orris Soares, amigo pessoal do poeta, a imprensa oficial do estado da Paraíba reeditou o *Eu*, acrescentando mais alguns poemas esparsos. Entretanto, a verdade é que a obra de Augusto dos Anjos permaneceu esquecida até 1928, quando a Livraria Castilho, por iniciativa do seu livreiro, lançou uma terceira edição. Quatorze anos depois da morte do poeta, não foi fácil encontrar os seus herdeiros para os acertos relativos aos direitos autorais. A viúva do poeta, Esther Fialho Rodrigues dos Anjos, havia se casado novamente com o professor Júlio Ferreira Caboclo e vivia no interior de Minas Gerais. Vencidos esses pequenos obstáculos, o livro pôde ser reeditado e aconteceu o inesperado: sucesso absoluto de vendas, um verdadeiro fenômeno. O *Jornal do Comércio*, em artigo assinado por Medeiros e Albuquerque, assinalou três mil exemplares comercializados em quinze dias.

Sandra Erickson (2003, p. 41,42) aponta a proliferação de estudos informais sobre o poeta e o estrondoso sucesso de venda das inúmeras edições das suas poesias como fatos aparentemente contraditórios, quando se coloca a questão da carência de estudos formais e da pálida presença do poeta no cânone literário nacional. A autora atribui à comunidade leitora, e

¹ Especialista em Estudos Lingüísticos e Literários pela UFBA. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras e Lingüística da UFBA. E-mail: anne.macedo@zipmail.com.br.

não à crítica formal, a popularidade de Augusto dos Anjos que, depois de Drummond, é o poeta mais lido, e o seu livro, o maior *best seller* da poesia brasileira.

Essas considerações iniciais procuram configurar as diversas especulações em torno da obra de Augusto dos Anjos, com o objetivo de demonstrar o seu caráter inovador. *Eu*, ao que tudo indica, foi uma obra antecipadora, razão pela qual não logrou, de imediato, o merecido sucesso.

Publicado em 1912, o livro de poemas de Augusto dos Anjos não foi bem aceito pela crítica. Algumas poucas notas a ele faziam referências discretas, enquanto outras despejavam sérias acusações de mau gosto e bizarria. Fruto de uma nova expressão, portanto, distanciado da arte prestigiada em vigor no cenário literário nacional do início do século passado, *Eu* desafiou os modelos poéticos parnasianos, inaugurando uma estética que em tudo contrariava a noção de beleza e sobriedade. Sua linguagem insólita, permeada por vocábulos científicos, imagens de decomposição, doença e morte, condenou o poeta a uma quase insignificância.

Os manuscritos do livro não tinham despertado o interesse das editoras, fato que ainda mais acabrunhou o poeta, já abalado com as imensas dificuldades financeiras experimentadas no Rio de Janeiro, desde a sua chegada, em outubro de 1910. Assim, em parceria com o irmão, Odilon dos Anjos, acabou por financiar, em 1912, a edição de *Eu*, praticamente o único bem legado pelo autor a sua família quando da sua morte, dois anos depois, em Minas Gerais, na cidade de Leopoldina, para onde se transferiu, a fim de ocupar o cargo de diretor do grupo escolar local. A publicação do seu livro de poesias não lhe proporcionou visibilidade nos meios literários, tampouco lhe favoreceu uma melhora financeira. No *Fon Fon*, Mário Pederneiras lhe fizera uma menção simpática, publicando-lhe também a foto. Entretanto, a maior parte da crítica lhe depreciou o estilo. Francisco de Assis Barbosa (ANJOS, 2002, p. 74, 75) afirma que o poeta foi alvo de exprobrações, como as assinadas pelo cronista de *O País*, Oscar Lopes, que lhe elogiava a inteligência, observando, contudo, o desperdício de tal capacidade com assuntos tão grotescos:

O Sr. Augusto dos Anjos, autor de um livro de versos intitulado Eu, fez baralho logo à chegada. A muita gente ele parecerá apenas desequilibrado. O título escolhido para as suas poesias é de uma ousadia rara. Algumas das composições são perfeitamente estranhas e caracterizadas por um evidente descaso por tudo quanto constitui a moeda corrente, nas letras da nossa terra. Entretanto, passada a primeira impressão, o leitor verifica que dentro daquelas páginas palpita um espírito original, que tanto verseja – e sempre com um singular poder musical – sobre temas excessivamente bizarros, como entretece lindamente o famoso soneto Vandalismo.

Um talento como o de Augusto dos Anjos não poderia ser reconhecido num ambiente repleto de artificialidades, como era o Rio de Janeiro no início do século XX, período conhecido como a *Belle Époque*. A cidade, desde as reformas urbanísticas de 1904 implementadas por Pereira Passos e das campanhas sanitárias promovidas por Oswaldo Cruz, ambicionava ser uma “Europa Possível”. No momento em que se buscava extirpar do espaço urbano a sujeira e as doenças, sobretudo a febre amarela, modernizando a cidade, embelezando-a, colocando-a nos moldes da capital francesa, um livro repleto de referências a vermes, bactérias e toda sorte de putrefações não poderia ser bem recebido. A intelectualidade carioca, refletindo esses anseios de refinamento e elegância, não poderia apreciar uma poesia cujos temas se distanciassem tanto desse ideal. Assim, a sua literatura deveria estar condenada à marginalidade.

Augusto dos Anjos, é certo, distanciava-se da literatura denominada de “sorriso da sociedade”. Sua poesia foi considerada extravagante pelos críticos da época, sua arte não obteve o justificado reconhecimento pelo que tinha de inovador, de revolucionário. Os novos poetas

festejados eram outros, tais como: Félix Pacheco, com *Estos e Pausas*; Aníbal Teófilo, autor de *Rimas*, Ademar Tavares, com o seu *Miriam*. Essa poesia não destoava dos padrões literários em vigor.

O pensamento do poeta, apesar de se distanciar do ponto de vista desses representantes mais importantes da literatura da época, restringia-se a lucubrações, a investigações no plano teórico. Eram reflexões que não se repercutiam numa militância político-ideológica, conforme o costume dos intelectuais do seu tempo. Seus versos exprimem, sem dúvida, o evolucionismo de Spencer, o monismo de Hackel, tendo assimilado a filosofia do final do século XIX, sobretudo a concepção de mundo de Schopenhauer, tão em voga naquele momento. Através do filósofo alemão, travou contato com o bramanismo e o budismo. Todas essas correntes de difícil combinação, aliadas à fé católica não totalmente abandonada, dão uma idéia da complexidade do seu espírito.

Ainda sobre a sua poesia, não se pode deixar de mencionar certa proximidade do gosto naturalista, compreendendo a inclinação para a visão fisiológica, e a orientação, segundo a qual a vida é compreendida, como resultado das atividades ligadas ao sexo e à nutrição. Daí as constantes referências fágicas presentes em sua poesia, bem como as inúmeras alusões às atividades sexuais nas quais os seres humanos figuram, via de regra, no mesmo plano dos animais, conforme se percebe pela leitura dos versos transcritos de *As Cismas do Destino*:

*Tal uma horda feroz de cães famintos,
Atravessando uma estação deserta,
Uivava dentro do eu, como a boca aberta,
A matilha espantada dos instintos!*

*Era como se, na alma da cidade,
Profundamente lúbrica e revolta,
Mostrando as carnes, uma besta solta
Soltasse o berro da animalidade.*

*E aprofundando o raciocínio obscuro,
Eu vi, à luz de áureos reflexos,
O trabalho genésico dos sexos,
Fazendo à noite os homens do Futuro.
(CD, 102)²*

Dos versos acima referidos também se constata uma imagem da cidade como um espaço degradado pela miséria, uma aglomeração humana insalubre e promíscua:

*A noite fecundava o ovo dos vícios
Animais. Do carvão da treva imensa
Caía um ar danado de doença
Sobre a cara geral dos edifícios!
(CD, 102)*

Augusto dos Anjos foi um renovador. José Oiticica, colunista de um jornal de oposição, *A Época*, citado por Francisco de Assis Barbosa (ANJOS, 2002. p. 76), traça o seu perfil de forma a demonstrar que se tratava de um representante da Poesia Nova, diferente de tudo quanto estava em vigor nos meios literários. De fato, no ensaio *Os Primeiros Baudelairianos* (CÂNDIDO, 1987), são analisadas as influências do poeta francês no Brasil e apontados como ápice desse

²ANJOS, op cit. Cismas do Destino. p. 102-115. Citado como (CD)

influxo os anos de 1890 e os primeiros anos do século XX, período simbolista. No citado ensaio, Cândido afirma ter o poeta paraibano assumido de forma intensa os tons de amargura, o senso de decomposição, bem como o castigo da carne, traços atribuídos ao mestre francês. Em seguida, passa a configurar o momento inicial no qual se operou tal influxo, os anos de 1870 e 1880, estabelecendo como ponto de partida a necessidade dos jovens poetas de expressar rebeldia e contestação da ordem institucional e política. Assim, operavam certa deformação na poesia de Baudelaire, adaptando-a às suas conveniências, através da exploração de componentes como tédio, irreverência e amargura. A rebeldia não deixava de atuar no plano estético, como mecanismo de combate ao romantismo, servindo, ao mesmo tempo, como trincheira de batalha entre a tradição e a renovação traduzida esta última por Realismo Poético e Realismo Social, cujo objetivo era promover uma poesia progressista em matéria de política e, nas palavras de Cândido, desmistificadora com relação à vida afetiva, tendo por modelos Victor Hugo e Baudelaire, respectivamente.

Essa apropriação do poeta francês pelos jovens rebeldes resultou numa apreensão deformadora. A visão parcial da poesia de Baudelaire, tendo servido como arma contra o romantismo, acabou também por imprimir ao sexo uma conotação animalésca que na obra do poeta francês não existia. Eram usadas imagens do mundo animal associadas à idéia do amor carnal. Assim, no ensaio de Cândido, que a propósito cita Péricles Eugênio da Silva Ramos (SILVA RAMOS, 1959), a comparação do desejo a animais ferozes, foi apontada como uma característica peculiar do realismo poético brasileiro, sendo perceptível também na poesia de Augusto dos Anjos, conforme se infere da leitura dos versos:

*O Amor e a Fome, a fera ultriz que o fojo
Entra, à espera que a mansa vítima o entre,
- Tudo que gera no materno ventre
A causa fisiológica do nojo;
(CD, 111)*

Alfredo Bosi (BOSI, 1990. p. 245, 246) também aponta a imprecisão nas apropriação de *As Flores do Mal* perpetradas pelos poetas realistas brasileiros:

De Baudelaire assimilaram os nossos poetas realistas, Carvalho Júnior e Teófilo Dias, precisamente os dados mais sensuais, desfigurando-os por uma leitura positivista que não responde ao universo estético e religioso d'As Flores do Mal. O eros baudelaireano, macerado pelo remorso e pela sombra do pecado, está longe destas expansões carnis, quando não carnívoras, de Carvalho Jr.:

*“Como um bando voraz de lúbricas jumentas,
Instintos canibais refervem-me no peito”
(Antropofagia)*

*ou de Teófilo Dias,
“...da presa, enfim, nos músculos cansados
cravam com avidez os dentes afiados”
(A Matilha)*

O poeta paraibano, é claro, adota uma postura diferente no que se refere ao amor carnal. Na sua poesia, as expressões eróticas estão quase sempre marcadas pela noção de pecado e culpa.

*Fome! E, na ânsia voraz que, ávida, aumenta,
Receando outras mandíbulas a esbangem,*

*Os dentes antropófagos que rangem,
Antes da refeição sanguinolenta!*

*Amor! E a satíriasis sedenta,
Rugindo, enquanto as almas se confrangem,
Todas as danações sexuais que abrangem
A apolínica besta famulenta!³*

*O prazer que na orgia a hetaíra goza
Produz no meu sensorium de bacante
O efeito de uma túnica brilhante
Cobrindo ampla apostema escrofulosa!*

*Troveja! E anelo ter, sôfrega e ansiosa,
O sistema nervoso de um gigante
Para sofrer na minha carne estuante
A dor da força cósmica furiosa⁴.*

Os primeiros baudelairianos (CÂNDIDO, 1987) não se interessaram pela temática dos espaços externos e os seus problemas. No entanto, assimilaram a modernidade de Baudelaire por trazerem à sua poesia, ao contrário dos românticos e parnasianos, a vida presente e seus conflitos. No que tange à figuração do espaço, não se pode deixar de assinalar, na poesia de Augusto dos Anjos, os diversos retratos de ambientes degradados, sujos, doentios.

*...Como uma cascavel que se enroscava,
a cidade dos lázaros dormia...
Somente, na metrópole vazia,
Minha cabeça autônoma pensava!..*

*Mordia-me a obsessão má de que havia,
Sob os meus pés, na terra onde eu pisava,
Um fígado doente que sangrava
E uma garganta de órfã que gemia! ...*

*...Começava a chover. Pelas algentes
Ruas, a água, em cachoeiras desobstruídas,
Encharcava os buracos das feridas,
Alagava a medula dos Doentes! ...
(OD, 122126)⁵*

Cândido afirma a influência de Baudelaire na poesia de Augusto dos Anjos, salientando a presença do mestre francês, evidenciada pela recorrência do pessimismo e da amargura, preocupação com a decomposição, bem como desenvolvimento de temas relativos aos sofrimentos do corpo.

*...Mas a carne é que é humana! A alma é divina.
Dorme num leito de feridas, goza
O lodo, apalpa a úlcera cancerosa,
Beija a peçonha, e não se contamina! ...*

³ ANJOS, op cit. A Fome e o Amor. p. 194.

⁴ ANJOS, op cit. Depois da Orgia. p. 151.

⁵ ANJOS, op cit. Os Doentes. p. 122, 123. Citado como (OD)

*...Seja este sol meu último consolo;
E o espírito infeliz que em mim se encarna
Se alegre ao sol, como quem raspa a sarna,
Só, com a misericórdia de um tijolo! ...
(GA, 142, 147)⁶*

*...Em torno a mim, nesta hora, estriges voam,
E o cemitério, em que eu entrei adrede,
Dá-me a impressão de um boulevard que fede,
Pela degradação dos que o povoam. ...
(OD, 132)*

Com efeito, Baudelaire é o poeta iniciador da modernidade (LIMA, 1980, p.115). Ele encarnou o conflito ideológico do século XIX: o embate entre as orientações cristãs e as relações implementadas pelo capitalismo. Os posicionamentos de uma estrutura capitalista direcionada por valores religiosos acabaram por revelar uma teia de conflitos na ordem social. Os poetas, incapazes de entender esse conflito, e sem disposição para enfrentá-lo, simplesmente lançavam-se ao tédio. Baudelaire, movido pela vontade de compreender o seu tempo, bem como os seus graves problemas, projeta em sua poesia a angústia do conflito, conforme se percebe nos versos transcritos de *Ao leitor*, primeiro poema de *As Flores do Mal* (BAUDELAIRE, 2004, p.13).

*...E se o estupro, o veneno, o incêndio e a punhalada,
Não puderam bordar com seus curiosos planos
A trama banal vã dos destinos humanos,
É que a nossa alma enfim não é bastante ousada. ...*

Na poesia de Baudelaire, são raros os momentos em que se pode notar uma relação pacífica com os mistérios. O que se destaca é a dissolução de tudo quanto se refere à beleza, ao bem, à harmonia mística. Em verdade, conforme ensina Costa Lima (LIMA, 1980, 117), “... A beleza, neste lado mais dominante dos poemas baudelairianos, desgarra-se em definitivo do alto; caminha sobre os mortos, faz-se encantadora com o horror de que se enfeita e sobre seu ventre dança o assassínio...””. É essa beleza que renega o sublime e se afasta da noção de bem. É essa mesma beleza que o poeta colhe em suas incursões pelo mundo, o qual já não pode ser visto com os olhos da inocência. O poeta canta a ruína, a desagregação, a morte... Dos versos de Augusto dos Anjos, extrai-se o mesmo desencanto, o mesmo inconformismo e, em muitos momentos, conflitos com as concepções religiosas.

*...Escarrar de um abismo noutro abismo,
Mandando ao Céu o fumo de um cigarro,
Há mais filosofia neste escarro
Do que em toda a moral do cristianismo!...
(CD, 105)*

Baudelaire, através da sua poesia, revela uma desesperada luta em busca de um lugar, em busca de uma expressão capaz de refletir suas visões de mundo. Ele encara a realidade de uma nova ordem social, e a cidade é o espaço de percepção mais nítido dessas transformações. Em *O Pintor da Vida Moderna* (BAUDELAIRE, 1993), a partir de uma análise da pintura de um artista pouco conhecido, Constantin Guys, elabora um conceito estético que promove uma

⁶ Id. Gemidos de Arte. p. 142, 147. Citado como (GA)

mudança do conceito de beleza, relativizando-o, na medida em que passa a considerar também o aspecto transitório da vida como meio através do qual se pode extrair a beleza. Assim, a observação do novo pode ser o instrumento de percepção do artista moderno, e a poesia pode abrigar o feio, o grotesco, a cena cotidiana. Essa inovação estética permitiu novas formas de expressão, inclusive a de Augusto dos Anjos, o cantor de um mundo degradado, o observador de uma vida que, em franca decadência, precipita-se para a morte. Em seus versos, tudo remete à idéia da dissolução, conseqüência natural da deterioração das relações humanas. A doença manifesta-se em sua poesia como sintoma de uma sensibilidade aguçada capaz de perceber a derrocada do modelo iluminista de civilização. Apesar da predileção pelos vocábulos científicos, o poeta, em vários momentos, desconfia das verdades estabelecidas, expondo as suas limitações.

*...O mundo resignava-se invertido
Nas forças principais do seu trabalho...
A gravidade era um princípio falho,
A análise espectral tinha mentido!*

*O Estado, a Associação, os Municípios
Eram mortos. De todo aquele mundo
Restava um mecanismo moribundo
E uma teleologia sem princípios. ...
(CD, 115)*

A poesia trabalha com um mundo analógico, um mundo estruturado pela harmonia (PAZ, 1984). Ora, a poesia moderna revela a impossibilidade de se afirmar essa realidade analógica porque a dissonância da história já não permite a crença nas correspondências, nos círculos perfeitos do mito e a transcendência já não é possível. Resta a morte, a consciência da finitude, resultado de uma concepção de tempo linear, corrosiva. Essa constatação do limite humano elege o seu mecanismo de reação: a ironia, a beleza grotesca, disforme... A poética de Baudelaire, como também a lírica moderna, estrutura-se a partir da tensão estabelecida entre a analogia, visão de mundo através das simetrias que comportam uma vinculação ao mundo cíclico, portanto, ligado ao pensamento mito-poético e a ironia, perda da ilusão diante da constatação da impossibilidade de transpor a matéria. A essas duas forças acrescenta-se, também, a noção de pecado. Com efeito, o poeta paraibano não se cansa de especular sobre o destino e a finalidade da existência, e seus versos não se afastam, conforme já explicitado anteriormente, de elaborações moralizantes, sob as quais se percebe claramente um espírito atormentado.

*...Não me incomoda esse último abandono.
Se a carne individual hoje apodrece,
Amanhã, como Cristo, reaparece
Na universalidade do carbono!...
(OD, 129)*

*...Morte, ponto final da última cena,
Forma difusa da matéria imbele,
Minha filosofia te repele,
Meu raciocínio enorme te condena! ...
(CD, 109)*

Augusto dos Anjos, segundo Lúcia Helena (HELENA, 1983), que a propósito traz a questão da obra de arte como alegoria que aponta a História como ruína, apresenta-se como uma síntese das correntes poéticas do final do século XIX e prefiguração da modernidade no Brasil. A

autora desenvolve uma leitura do poeta a partir do ensaio de Flávio Kothe, *A Obra Literária como Ruína Alegórica*, o qual desenvolve os conceitos de ruína e alegoria, presentes em Benjamin, no ensaio *A Origem do Drama Barroco Alemão*. Kothe, ao conceituar alegoria, definindo-a etimologicamente como “dizer o outro”, afirma-a como prenúncio do conceito de aura, caracterizado como relativo à aparição única de algo distante. Vinculando-se ao aspecto teológico, pode-se imaginar um objeto sagrado, afastado, no sentido de espaço e tempo, ou, ainda, a própria capacidade de transcendência de um mundo, tudo isso podendo se consolidar em beleza e harmonia. O ensaísta elabora a formulação de obra literária como ruína do passado. Entretanto, ao confrontar tal concepção com o entendimento de Aristóteles da literatura como ficção, ou seja, o que poderia ter sido, amplia essa noção, afirmando a obra literária como ruína de algo que não chegou a acontecer. Segundo Kothe, Benjamin examinou a obra de arte tanto como um fenômeno social, quanto como uma espécie de pacto entre forças opostas inerentes ao próprio texto, objetivando apreender os seus movimentos. O crítico alemão redescobriu, em *As Flores do Mal*, a obra como ruína, partindo da observação de tensões sociais da época inseridas na temática da poesia de Baudelaire, entendendo-a, também, como alegoria, na medida em que sua conformação de beleza e harmonia reflete “o outro” do momento histórico na qual foi engendrada. Para Lúcia Helena, a poesia de Augusto dos Anjos significa uma ruptura da visão aurática da arte, um entendimento norteado por conceitos vinculados a uma origem mágico-religiosa capaz de remetê-la a um significado transcendental. A dissolução da estética do sublime, juntamente com uma poética que rompe com os modelos consagradores da aura, representaram a própria arte do poeta paraibano.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

AMARAL, Glória Carneiro do. *Aclimatando Baudelaire*. São Paulo: ANNABLUME, 1996.

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Trad. de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2004.

BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. In: *Obras estéticas filosofia da imaginação criadora*. Petrópolis: Vozes, 1993.

BOSI. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1990.

CÂNDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

ERICKSON, Sandra S. Fernandes. *A melancolia da criatividade na poesia de Augusto dos Anjos*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003.

LIMA, Luiz Costa. *Mimesis e modernidade: formas das sombras*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

PAZ, Otávio. *Os filhos do barro*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.